

II - ESTUDOS E ENSAIOS

PROBLEMAS ESTRATÉGICOS DA ÁFRICA E EM PARTICULAR DA ÁFRICA DO NORTE

(*) Tenente-Coronel CARLOS DE MEIRA MATTOS

1. DA ÁFRICA EM GERAL

a. *Posição relativa do Continente Africano* — Cortado ao meio pelo Equador, o continente africano tem mais que 2/3 de seu território dentro da zona equatorial. Sobram-lhe, como áreas bafejadas pelos benefícios do clima temperado, na parte Setentrional a África do Norte e o Egito e, na parte Meridional, a África do Sul e a parte da África de Sudoeste.

A África está ligada intimamente à Europa e à Ásia, das quais é separada apenas pelos estreitos de Gibraltar e pelo Canal de Suez. Por isto, os geopolíticos, dando expansão ao seu gosto pelo "impressionismo geográfico", deleitam-se em falar no continente euro-ásio-africano.

De forma triangular, com a base no Mar Mediterrâneo, que a separa da Europa, a África abriga enormes regiões desérticas e imensas florestas tropicais.

Os desertos africanos, os maiores do mundo — o Saara e o deserto da Líbia, barrados ao Norte pelas elevações da Cordilheira Atlas e montes Rif e, ao Sul, pelas florestas tropicais do Senegal, Tumbuctu, Nigéria e Sudão, prolongam-se pelo território asiático, através da depressão do Mar Vermelho e da península arábica.

O chamado "continente negro" ocupa uma área de 30.000.000 km² e é habitado por cerca de 202 milhões de almas.

O quadro abaixo permite uma comparação entre os cinco continentes:

CONTINENTE	ÁREA	POPULAÇÃO	DENS Hab/Km
África	30.000.000	202.000.000	6,7
Europa	10.050.000	550.000.000	54
América (Norte, Sul e Centro)	40.185.000	333.100.000	8,2
Ásia	44.500.000	1.343.000.000	30,2
Oceania	11.000.000	16.000.000	1,5

(*) O Ten-Cel CARLOS DE MEIRA MATTOS possui o curso da Escola de Estado-Maior do Exército. Foi integrante da Força Expedicionária Brasileira que lutou no TO da Itália durante a 2ª Grande Guerra, desempenhou a função de Adido Militar junto à Embaixada do Brasil na Bolívia, é membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e membro do Instituto Brasileiro de Geopolítica. Colaborador efetivo de diversos jornais, revistas e autor de diversos trabalhos. Fez parte em 1958 da Comissão do Concurso de Admissão à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Subcomissão de Geografia). Atualmente Instrutor-Chefe na ECEME.

Os números expostos nos permitem concluir que a África é um dos continentes mais despovoados do mundo. A Europa, sendo 3 vezes menor que a África, abriga uma população 2,5 vezes maior.

b. *Algumas características geopolíticas e geográficas* — Com exceção feita aos movimentos que formam a cadeia do Atlas, o relêvo Africano sofreu pequenas modificações desde a era primária. A África, em termos gerais, é uma meseta alta que, muito próxima à costa, cai abruptamente em escarpas fendidas sobre o mar.

As regiões mais altas dessa meseta (de 1000 a 1500 m de altitude média) são Kênia, Kilimanjaro e Camerum.

A imensa meseta africana é contornada por cadeias cuja altitude medeia entre 2000 a 3000 m — os montes arábicos, o maciço da Etiópia, os montes Drakenberg, as montanhas do Cabo, os montes Namaland, os terraços do Congo, as alturas de Camerum e o maciço de Futa Yalon. No interior do Saara aparecem antigas cadeias, hoje desgastadas pela erosão e desagregadas, em parte, devido às mudanças bruscas de temperatura — Tibesti, Ahagger, etc. Ao Norte do deserto do Saara, a cadeia do Atlas e os montes Rif separam este imenso "vazio ecumênico" das costas do Mediterrâneo.

O continente africano possui as costas mais inóspitas do mundo, por carecer de baías remansosas, de ancoradouros seguros, de refúgios abrigados para grandes portos. Além das barreiras coralinas (costa do Mar Vermelho e Oceano Índico) e das dunas de areia (Atlântico), a própria morfologia continental — queda abrupta da meseta alta sobre as praias, cria essas condições desfavoráveis de abrigo marítimo. Isto obriga à construção de portos artificiais, obras de engenharia dispendiosas e difíceis, a fim de facilitar a navegação. Pode-se dizer que os únicos portos naturais no imenso contórno litorâneo de 26.000 km são Bizerta, Dakar e Cabo.

Uma grande ilha, Madagáscar, e algumas pequenas ilhas, Bissagos, Fernando Poo, Zanzibar, Pemba, Mafia, Sokotra, Almirante, Seijchelles, Canárias, Cabo Verde, Mascarenhas, Assunção, Santa Helena, bordejam o litoral africano.

A climatologia africana é considerada bastante desfavorável à atividade criadora do homem. Isto porque, a maior parte do seu território está compreendida nos limites das zonas equatorial, tropical e subtropical. Além disto, os "vazios ecumênicos" — os desertos do Saara e da Líbia, cobrindo uma extensão de 9.500.000 km, e as florestas tropicais da Guiné, Congo, Tanganika e região dos grandes lagos, de acôrdo com as teorias de Buckle e Huntington, repelem a fixação de civilizações progressistas, ou porque as regiões de clima tropical debilitam o homem, ou porque lhe impõem "desafios" superiores à sua capacidade de resposta, como diria Toynbee.

Aqui vale a pena uma pequena digressão sobre estas teorias. Segundo os geógrafos citados, da escola climatológica, somente a costa mediterrânea e a região da África do Sul, compreendidas na zona temperada, oferecem condições favoráveis ao progresso cultural, técnico e industrial.

O caso africano pareceria um testemunho de que as conclusões de Huntington, expostas principalmente na sua obra clássica "Civilização e Clima" seriam exatas e inapeláveis, uma vez que, realmente, apenas no Egito, no passado, floresceu uma civilização brilhante e que é na África do Sul onde, hoje, se forja a mais adiantada e progressista nação do continente negro — a União Sul Africana.

Não concordamos, entretanto, com essa tese do "determinismo do fator clima". Está provado, hoje em dia, que a altitude pode atenuar as condições desfavoráveis de posição geográfica. Isto porque, cada 180 ou

200 metros de altitude representa um decréscimo de temperatura de 1°C. A meseta africana, com uma altitude variável de 1.000 a 1.500 m, oferece condições de "refrescamento" de 5 a 8 graus centígrados sobre áreas de idêntica posição geográfica situadas no nível do mar. Por outro lado, estamos vivendo a era da técnica e da industrialização, em que riquezas do subsolo podem vir alterar completamente a escala de valorização dos territórios determinada por suas coordenadas.

Além desses argumentos, o conceito de Toynbee, o mais genial historiador da atualidade, derruba os critérios racistas (de Gobineau) e climatológicos (de Huntington) e, também, a lei de crescimento e decadência biológicos das civilizações de Spengler, e pontifica que as civilizações se afirmam conforme sejam capazes ou não de responder aos desafios que se lhes apresentam, inclusive os do meio físico. Assim, coloca Toynbee o "mou", a força criadora das civilizações, não no clima nem nas raças privilegiadas, mas na capacidade realizadora de uma coletividade. Repõe Toynbee as coisas nos seus lugares, pois se condições climáticas e étnicas são, reconhecidamente, fatores favoráveis, não devem, entretanto, ser tomados como determinantes "sine qua non" do progresso humano.

Voltando à análise dos aspectos da geografia física africana vamos analisar sumariamente a hidrografia continental. Seus rios são rios de planalto, de cortes fechados e correntosos. Destacam-se o Nilo, que tem suas nascentes no coração do continente, no lago Vitória, cruza o Sudão e o Egito e é o único que atravessa um deserto tão amplo como a Líbia. É navegável na maior parte de seu curso caprichoso. O Nilo evoca histórias da antiguidade faustosa dos faraós. Lembra, igualmente, os amores de Cleópatra, a bela imperatriz egípcia, com Júlio César e Marco Antônio. As galeras luxuosíssimas de Cleópatra deslizando suavemente ao arripio das águas do grande rio, foram o palco encantado das aventuras galantes desses imperadores.

O Congo, descoberto pelo explorador Stanley, notável por suas explorações no continente negro, cuja bacia banha toda a África Equatorial e articula no interior importantes regiões econômicas ricas em minérios. Este rio é a coluna vertebral da colônia mais próspera e mais rica do Continente a que deu o nome, o Congo Belga.

O Niger, o Zambeze, o Orange são tantos outros cursos de água de penetração no âmago do continente, articuladores e formadores de comunidades de interesses, futuras unidades políticas.

A África é rica em lagos; há os de águas abundantes e profundas como o Vitória III (68.000 Km²), o maior do continente, o Tanganika; e também os chamados de "de estepes", vizinhos do deserto, salinos — Chad, Nigami.

c. *Economia Africana* — No que tange às riquezas naturais, minerais ou energéticas, pode-se dizer que a África possui um território privilegiado. Querendo apenas citar as estruturas geológicas mais importantes, uma vez que os estudos geológicos ali ainda são diminutos, salientamos a incidência de imensos depósitos de cobre na União Sul Africana e Angola, de carvão abundante e rico em calorías, no vale do Wankie na Rodésia e no Transvaal, de estanho na África Equatorial Francesa, de urânio e rádio, material estratégico de importância fundamental na era atômica, no Congo Belga, de cobalto no Congo Belga, de ouro em várias regiões, principalmente no Transvaal, Johannesburg e Angola, de diamantes, em Kimberley, Gana, Congo Belga e Angola, de ferro no Transvaal e Libéria, fosfatos na África do Norte e, finalmente, vanádio, cromo, bauxita e manganês em vários pontos.

O potencial energético africano é imenso e inexplorado. Além do urânio e rádio do Congo Belga, a que já nos referimos, foram desco-

bertas, recentemente, enormes reservas petrolíferas na Argélia Saariana, regiões de Hassi Messaoud e Edjelle, assunto sobre o qual retornaremos quando tratarmos especificamente dos problemas da África do Norte. Em Moçambique e Angola há indícios da existência de reservas petrolíferas. No tocante à energia hidráulica, a África supera qualquer outro Continente; *possui 40% do potencial hidrelétrico mundial*. Isto, futuramente, poderá compensar uma carência de braços para o trabalho.

A África não foi, até hoje, grande produtora de gêneros agrícolas nem muito desenvolvida no campo da pecuária. Entretanto, ultimamente, e principalmente após a criação do Mercado Comum Europeu, as potências do Velho Mundo vêm desenvolvendo um plano econômico conjunto no sentido de transformar o Continente negro em celeiro de produtos agrícolas baratos para o seu consumo, libertando-se assim dos mercados tradicionais, principalmente da América Latina.

Neste sentido, vem sendo plantado ali, intensa e tecnicamente — café, cacau, tabaco, algodão e trigo.

O Brasil já está sentindo as conseqüências disto; no ano passado a África competiu conosco no mercado mundial de café com uma safra de 8.000.000 de sacas. Há muito mais café plantado que ainda não começou a produzir. A mão-de-obra do agricultor africano é muito mais barata do que a nossa. As áreas preferidas para o plantio do café são: Kênia, Uganda e Tanganika (na África Inglesa), na África Ocidental e Equatorial (Francesa), Angola e Guiné (na África Portuguesa) e no Congo Belga.

Nos ramos da pecuária há rebanhos camelares, principalmente nas regiões desérticas e semidesérticas, bovinos, ovinos, porcinos e cavalares, em quantidades modestas, em várias regiões vinculadas ao litoral.

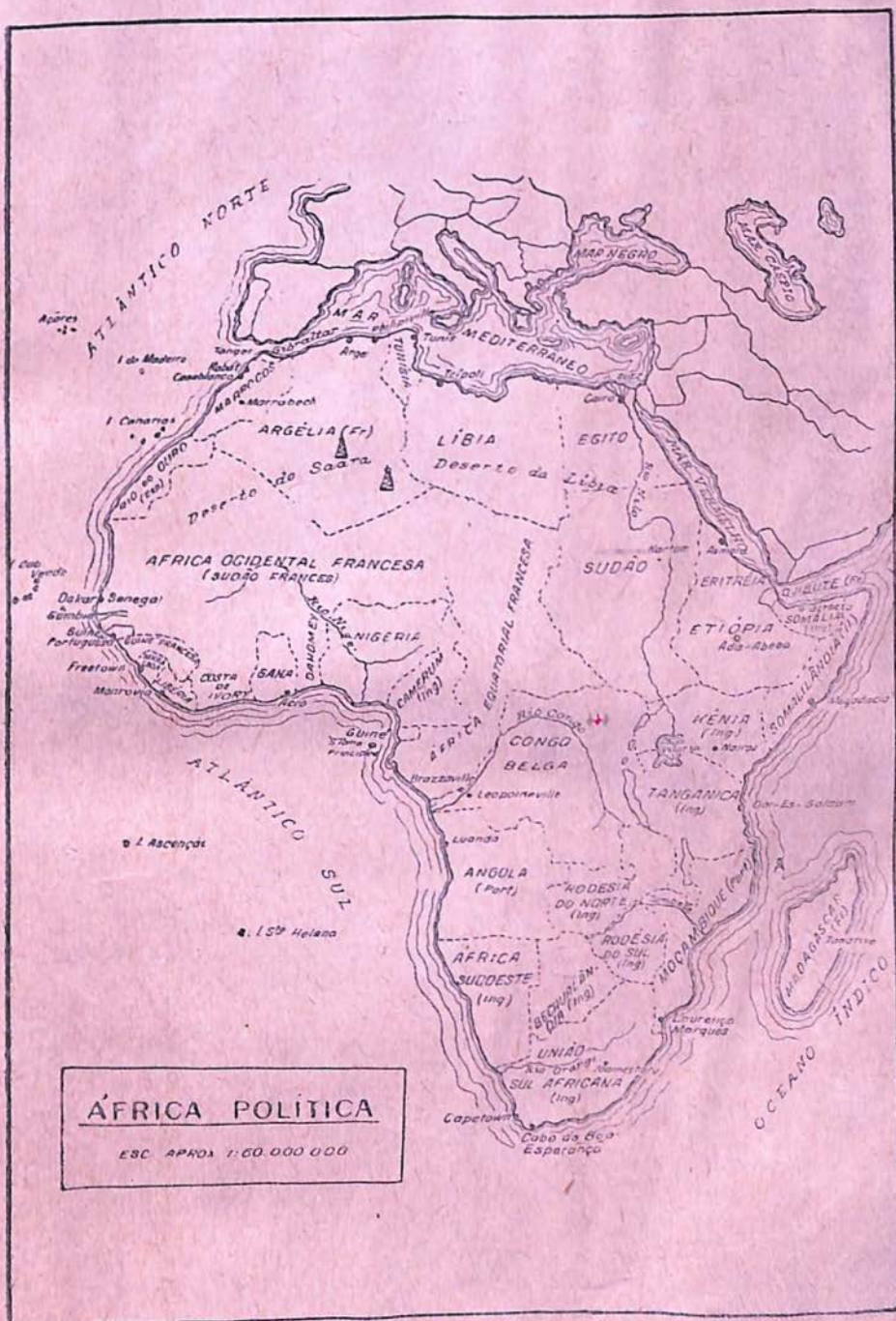
Após a 2ª Guerra Mundial e, principalmente, após a perda de suas colônias e possessões na Ásia (Índia, Birmânia, Indochina) a Inglaterra e França começaram a dar maior importância à África, iniciando aí inversões maciças de capitais em iniciativas de desenvolvimento econômico, o que antes jamais havia sido feito.

No tocante ao *desenvolvimento industrial* pode-se afirmar que a África é o continente onde a idade da máquina menos penetrou. A não ser na África do Sul, o mais industrializado país africano, nada mais existe além de pequena indústria manufatureira e artesanal nas cidades costeiras.

No terreno dos *transportes*, dada a extensão do território, seu despovoamento, a carência de vias de comunicação terrestre, o *avião é o grande recurso para as ligações*.

As *ferrovias africanas* (apenas 6% da rede ferroviária mundial) podem ser classificadas em três grupos:

- *transcontinentais parciais*, a transafricana, construída apenas em seus setores extremos — de Cairo a Jartum e de Cabo a Sakânia; a linha Casablanca — Tunis;
- *de penetração* — ligando os portos marítimos a zonas de interesse econômico no interior:
 - Dakar — Bamako;
 - Freetown — Pendembu;
 - Acra — Kumasi;
 - Lomé — Blita;
 - Beira — Salisburg;
 - Mombassa — Karpala
 - Dar el Salam — Kigoma;



— complementares da navegação fluvial :

- Leopoldville — Matadi;
- Kindu — Kongolo.

Há, aproximadamente, 140.000 Km de rodovias ligando os portos de mar a regiões de interesse econômico do "hinterland".

No setor dos transportes rodoviários, ultimamente, Inglaterra e França vêm realizando, também, louváveis esforços no sentido de melhor articular as regiões geo-econômicas do continente.

d. *O Habitante* — Habitam o Continente Africano 202 milhões de almas. Essa população está desigualmente distribuída pelo território; ao lado dos já citados "vazios ecumênicos", encontram-se áreas, no vale do Nilo, onde a densidade média é das mais elevadas do globo — 400 a 500 hab/km.

Os 2/3 da população são de raça negra dividida em vários grupos étnicos. Os principais são os paloafricanos, bantus, sudaneses, etiópicos (mestiços), gallas, somalis, zulus, mandingas, etc.

Na África do Norte e Egito predominam os bérberes e árabes imigrados do Oriente, segundo alguns etnólogos. O negro africano é alto, forte e geralmente saudável. Encontram-se pequenas tribos de pigmeus. A população branca européia encontra seus maiores núcleos na África do Norte, cerca de 1.500.000 almas, e na África do Sul, 2.500.000 boers (descendentes de holandeses) e ingleses. Nas linhas espanholas e portuguesas há cerca de 800.000 europeus. Nos portos da costa africana e nas principais cidades vivem alguns milhares de colonos europeus (ingleses, franceses, portugueses, belgas, italianos e espanhóis).

Na costa do Oceano Índico e Mar Vermelho, assim como nas ilhas dessa área, há numerosa população de hindus, árabes e até minorias mongólicas em Madagáscar.

A África é uma babel de idiomas. As tribos negras falam cerca de 700 dialetos, filiados a duas grandes famílias — bantu e sudanês. Na Etiópia predomina um idioma do grupo camito — semita. As minorias branco-européia, hindu, árabe, bérbere falam suas próprias línguas.

Há uma linha divisória entre as religiões professadas na África — do paralelo 10 N do Equador para o N, predomina a religião maometana, deste paralelo para o Sul, dominam os cultos pagãos nas suas diferentes formas — animismo, fetichismo, totimismo, etc.

Nas cidades principais das colônias ou ex-colônias existem minorias que praticam as religiões do colonizador europeu, católica ou protestante.

e. *Um pouco de história da exploração da África Negra* — Aos portugueses cabe a primazia das explorações do continente negro. No século XV, após a conquista de Ceuta, o Infante D. Henrique começou a dar expansão ao seu ambicioso desejo de conquistar a África. Foram feitas inúmeras viagens de exploração das costas africanas. Sucessivamente, foram os navegantes lusos atingindo e explorando o Cabo Bojador, as ilhas de Cabo Verde, o golfo da Guiné, o Cabo da Boa Esperança, Sofala, Milindi e o Cabo Guardafui.

Seria impossível ao pequenino Portugal, com seu escasso milhão de habitantes, conservar e defender as inúmeras feitorias audaciosamente instaladas na África e no Extremo Oriente.

No século XVII, ingleses e holandeses começaram a se interessar pela África. Foram fundadas em Londres e Haia as famosas companhias das Índias, que até aqui por estas "costas do pau-brasil" andaram.

Em 1651, uma expedição holandesa sob o comando de Jan Van Riebeeck desembarcou na Baía de Mesa, pouco ao N do Cabo da Boa

Esperança e, apesar dos protestos de Londres que já se julgava dona dessas paragens, ali fundou uma feitoria. Este é o começo da história da criação de uma nação branca na África. O sangue huguenote aí encontrou um "habitat" favorável. Fortes, operosos, hábeis agricultores, ambiciosos, os "boers" ou "boors", nome pelo qual começaram a ser universalmente conhecidos, proliferaram e progrediram na nova pátria eleita. Internaram-se, exploraram o vale de Orange e a região do Transvaal. Transformaram-se em "donos da terra". A corte britânica jamais aceitou essa situação. No fim do século passado, com a descoberta de minas de diamantes, na região de Kimberley acirraram-se as rivalidades entre "boers" e britânicos. Veio a guerra, dura, sangrenta, três anos (1899-1902) de luta que muito custou ao tesouro inglês. Winston Churchill, então capitão de cavalaria, aí esteve combatendo os "boers". Afinal, venceram os ingleses e foi a África do Sul anexada ao Império Britânico. Os "boers", hoje em dia, orgulham-se em dizer-se "afrikaners" e constituem um grupo reacionário contra os direitos igualitários do negro.

A exploração do "hinterland" continental só foi realizada no século passado. Três famosos exploradores ingleses, Cecil Rhodes, Livingstone e Stanley, deixaram seus nomes gravados nas principais descobertas geográficas — dos grandes lagos, principais nascentes e bacias hidrográficas, montanhas e minas.

No fim do século XIX e começo do presente, os franceses desenvolveram grande atividade na exploração e colonização da África Ocidental e Equatorial, além dos esforços desenvolvidos na conquista da África do Norte. Os nomes de Louis Gustave Binger, Emile Gentil e Lyautey são os luzeiros dessa época. A Espanha conquistou o seu quinhão no Marrocos, no Ifni, na costa do Bojador e nas Canárias.

Os belgas entraram no Congo no fim do século passado. Os alemães e italianos, no começo deste século começaram a pressionar no sentido de também virem a entrar na partilha africana. O resultado da 1ª Grande Guerra eliminou definitivamente os germânicos da competição e o da 2ª Guerra Mundial expulsou os italianos que salvaram, apenas, um mandato internacional para administrarem a Somália.

f. *Os principais problemas da África — colonialismo e atraso sócio-econômico das populações nativas* — Como vimos, o continente negro cobre cerca da quinta parte das terras do planeta e, no entanto, seus habitantes não vão além da décima parte da população mundial.

Podemos afirmar que o mapa da África representa, na atualidade, o mosaico colorido do colonialismo do século XX. Ali estão representadas as cores britânicas, francesas, portuguesas e belgas e, um pouco esmaecidas, as espanholas e italianas. A Holanda, veterana, foi eliminada da peleja. A Alemanha, que várias vezes tentou um lugar no "1º team" colonialista sem nunca conseguir se vincular, também foi expulsa.

Um esforço efetivo, no sentido do equacionamento dos problemas sociais e econômicos dos povos da África Negra, só começou a ser feito a partir do fim da 2ª Guerra. Até então, as chamadas potências coloniais, faziam uma política de manutenção de posição política e de lucros financeiros pela exploração da mão-de-obra barata, quase indiferentes à sorte das populações nativas.

Foi o impacto da 2ª Guerra Mundial, afrouxando o controle das metrópoles sobre as populações locais, em virtude das dificuldades vividas por estas mesmas metrópoles, e o início da luta ideológica de caráter mundial, que fez despertar nas minorias mais lúcidas da população negra as idéias de melhoria social e emancipação política.

Desde então, ora de maneira clara, ora sub-repticiamente, viva em algumas regiões, velada ou "engatinhando" em outras, desenvolve-se a luta anticolonialista das populações locais contra a política das Metrópoles.

Percebendo a intensidade crescente das reivindicações políticas dos nativos, cujos argumentos de força sempre são a luta pela elevação do nível social e econômico das populações, as potências coloniais decidiram olhar com mais atenção e cuidado para suas possessões africanas.

A Inglaterra, França, Bélgica e Portugal resolveram inverter elevadas somas em planos de infra-estrutura — transportes e energia, e em obras sociais — hospitais, escolas, construções de casa. Com isto, vêm conseguindo, até certo ponto, neutralizar os "argumentos de força" das reivindicações nativistas e retardar a campanha política de emancipação.

Não resta dúvida que o problema mais sério da atualidade e de mais profundas repercussões no futuro do continente é a *questão colonialista*.

Um fenômeno transcendente e generalizado da nossa época, é a sensibilidade despertada no seio das populações primitivas e atrasadas para as questões de liberdade política e elevação de nível de vida.

Esta sensibilidade, antecipada em face da larga difusão da luta ideológica que separa a humanidade em dois grupos de nações rivais e oponentes, está resultando na inoculação, no espírito dos povos atrasados da África, da idéia de que as potências européias são responsáveis pelo seu estado de abandono, pobreza e subdesenvolvimento econômico.

O europeu metropolitano é apresentado ao colono como imperialista, sedento de poder e de riquezas, desumano, frio e indiferente pela sorte daqueles cujo trabalho quer explorar.

Essa conceituação do europeu interessa à estratégia soviética cujo objetivo é dividir os ocidentais, enfraquecê-los e, finalmente, isolar os Estados Unidos no mundo.

O incentivo anticolonialista vem ao encontro desses objetivos estratégicos da Rússia, por isto que, toda vez que se tornam agudas as desinteligências entre um grupo africano e a metrópole que o domina, o prestígio dos EE.UU. é pôsto em jôgo, uma vez que o govêrno de Washington é obrigado a conciliar duas posições irreconciliáveis — o sentimento anticolonialista do povo americano e seus interesses de aliado da metrópole em foco. No fim de contas, tanto saem enfraquecidos desses choques a aliança ocidental, pelo desentendimento entre seus membros como o poder político e econômico dos aliados dos Estados Unidos.

Reveste-se o colonialismo europeu na África de quatro tipos diferentes, nos seus propósitos e nos seus métodos.

Os belgas, no Congo Belga, oferecem o mais belo exemplo de um colonialismo progressista.

O govêrno de Bruxelas controla as companhias privadas que exploram as imensas riquezas do Congo, impondo-lhes um regime de trabalho humanitário e assegurando aos nativos um salário e um conforto material mais alto do que qualquer outro trabalhador africano. O africano do Congo tem hospitais, escolas, casas com eletricidade e água corrente. Começa êle a se responsabilizar por tarefas cujo desempenho no restante do continente, só a europeus ou, quando muito, a hindus é permitido.

Entretanto o acesso a qualquer profissão liberal lhe é absolutamente proibido; qualquer estudo mais intelectual, que possa despertar-lhe no cérebro idéias de independência, lhe é vedado; qualquer forma de voto ou de outra participação política lhe é negado. Esse sistema colonial, orgulho dos belgas, costuma ser chamado "managerial revolution". Assim

o define esse sistema, o diplomata brasileiro Adolpho Justo Bezerra de Menezes no seu excelente livro "O Brasil e o Mundo Ásio-Africano": — É francamente favorável à política do paternalismo que considera como a única que o africano compreende. A fascinação de tornar-se um profissional técnico, de manejar máquinas de precisão faz com que o negro se esqueça da política.

O inglês usa atualmente uma filosofia colonial baseada em critérios elevados, buscando a criação de algo de sólido, de idealista e de duradouro. O conceito de Commonwealth, deveras, é um critério de associação e de respeito recíproco. Entretanto, os planos elaborados nos gabinetes londrinos esbarram com dificuldades quase insuperáveis, oriundas de dois fatores principais — o preconceito racial do saxão, que o impede de integrar-se no meio local; os interesses particulares dos colonos ingleses radicados na África que usam de tôdas as formas de subterfúgios para não conceder os direitos igualitários ditados pela colônia, para não perder os privilégios de homem branco.

As discrepâncias entre a orientação traçada por Londres e a execução realizada pelos colonos britânicos provoca uma política claudicante, de meias medidas, de educação separada, de serviços separados, de transportes separados.

Por mais que se insista a clarividência dos estadistas londrinos, o preconceito de superioridade racial do colono britânico é mais forte do que qualquer lógica política.

O francês leva sobre o inglês a vantagem de não carregar com esse preconceito de pigmentação. Nisto a França é um exemplo. Por muitos anos, grandes destacamentos de soldados negros do Senegal viveram aquartelados na França cuja presença jamais provocou a menor reação dos metropolitanos. Nem a mulher francesa revela esse preconceito aparteista. Prova disto é que, segundo nos revela o já citado diplomata Bezerra de Menezes — talvez não exista recanto em todo o mundo, por mais exótico que seja, onde não se encontre uma senhora francesa casada com elemento local de grande destaque".

Como, então, explicar a onda de ressentimento e ódio que existe no mundo colonial francês?

O mal do colonialismo francês, se bem que abrandado pela quase ausência de preconceitos raciais e pela difusão da educação e cultura francesas, advém de dois fatores: — um de ordem psicológica, a convicção de que a França, de "motu próprio" jamais abandonará as colônias; outro de ordem prática, os impostos exorbitantes, os salários ínfimos e a quase não participação do elemento nativo na administração.

O General De Gaulle, recentemente jogando no tabuleiro da questão colonial o seu próprio prestígio, prometeu corrigir essas falhas, atendendo a um só tempo as reivindicações políticas, econômicas e sociais das populações nativas da África Negra. No "referendum" realizado a 27 de setembro último, todos os povos das possessões de ultramar foram consultados se preferiam a independência ou um regime de autonomia em associação com a França. Todos, exceto a Guiné Francesa (36.000 Km² e 400.000 hab), preferiram a autonomia política e as vantagens econômicas e técnicas de uma vinculação com a França, à independência total. O resultado do "referendum" na África representa uma estupenda vitória de De Gaulle. Depois desse plebiscito, teoricamente terminou o colonialismo francês; tôdas as regiões adquirirão sua autonomia no tocante aos negócios internos e formarão com a França uma grande federação, a exemplo da Commonwealth Britânica.

Portugal, mais modesto nas suas inversões financeiras nas colônias africanas, conseguiu, entretanto, o milagre de não ter tido, até o presente, convulsões nacionalistas em suas colônias. O sistema colonial

lusitano leva a seu favor a experiência secular dos portugueses no trato com os povos de outras raças. Além do mais, a miscigenação para o português não é pecado. Ele próprio é um fator de integração racial. Além disso, o lusitano, como os antigos romanos, não faz linha democrática entre o branco e o negro, mas, apenas, entre o civilizado e o bárbaro. Por isso, segundo o conceito lusitano, o negro é bárbaro enquanto ele persiste no seu primitivismo; transforma-se em cidadão português, social e politicamente igual ao branco, logo que demonstra dignidade humana. O primeiro passo para adquirir essa dignidade, é a conversão ao cristianismo; depois vem a aprendizagem de falar e escrever o idioma de Camões; por último, vem a conquista de um padrão de vida bem acima do nível tribal. O português tem a preocupação de transferir para a África a sua civilização integralmente — fé, educação e técnica; continua, hoje, como no tempo das aventuras arrojadadas cantadas por Camões, a "dilatara a Fé e o Império". Não se isola dos nativos e procura transformá-los em "sua própria imagem e semelhança". Até hoje deu certo. As colônias portuguesas revelam um comedido progresso. Lourenço Marques e Beira, em Moçambique são, talvez, os portos mais bem equipados e mais bem dirigidos da África Austral. Por esses portos sai a maior parte da produção do Transvaal, Rodésia do Sul, Swazilândia e da rica região de Katanga, no Congo Belga. Só Lourenço Marques atende a um movimento de mais de 100 navios e 250 mil toneladas de carga e descarga mensais.

Estradas de rodagem ligam Moçambique e Angola, através das Rodésias e Bechnalândia. Uma ferrovia moderna une Lourenço Marques a Bulawayo, na Rodésia do Sul.

O ponto fraco da colonização portuguesa advém do limitado poder econômico de Portugal e do desinteresse do peninsular pela imigração para as colônias. Procurando corrigir esta última falha, o Primeiro Ministro Salazar aprovou um plano de inversão de 250 milhões de dólares nas províncias de ultramar.

Ao lado dos critérios colonialistas acima considerados, há que se levar em conta a presença do "afrikaner", dos orgulhosos e ultra-racistas "boers", descendentes de holandeses, que formam o maior núcleo branco do Continente Negro — somam-se 2.500.000 na África do Sul. Dominam política e tecnicamente a União Sul-Africana, autônoma dentro da Commonwealth Britânica. Mantém vivos dois conflitos — a segregação racial e o antagonismo com os britânicos. O que se passa na África do Sul, em matéria de discriminação racial, é coisa inimaginável.

Os dois últimos Primeiros Ministros, Danel Malan e Johannes Gerhardus Strydom, vêm dando grande incentivo e apoio às mais desumanas práticas aparteistas que se pode imaginar. Criaram uma legislação no sentido francamente discriminativo, proibindo e limitando as atividades políticas e sociais do negro.

A Inglaterra discorda de tais medidas mas nada pode fazer, pois o governo da União Sul-Africana é soberano em assuntos internos.

No tocante à rivalidade entre os orgulhosos "afrikaners" e britânicos, herança da "guerra dos Boers" a que já nos referimos, quando os "louros da Albion" destruíram os sonhos justos dos "louros de Amsterdam" que, realmente, foram os verdadeiros criadores deste país.

A União Sul-Africana, mais futuroso país da África, não poderá seguir o destino de grandeza que fatalmente lhe está reservado se não se libertar desse nefasto cisma aparteista e não encontrar uma solução adequada para os problemas gerados pelo antagonismo anglo-boer.

Analisemos peculiaridades dos quatro principais sistemas coloniais vigentes na África. Vimos a "managerial revolution" belga, exemplar na sua concepção social mas negativista no que tange ao reconhecimento

dos direitos políticos dos filhos da terra; A "Commonwealth Britânica" de bela concepção mas falseada na sua execução pelos preconceitos raciais e intolerância do anglo-saxão; os erros do racialmente democrático método francês, mas extorsivo e ganancioso que agora busca a solução na fórmula de De Gaulle — autonomia e federação; por fim, estendemos nossa análise ao processo lusitano baseado no que eles entendem por civilização ou bárbaro, e visando a criação nas colônias de uma sociedade de modelo português integral — crenças religiosas, ética de procedimentos e técnicas de trabalho. Não nos passou despercebida a conduta desumanamente racista e discriminatória dos "boers" da África do Sul.

Cumpra salientar, que a partir de 1954, os líderes dos povos afro-asiáticos através de sucessivas reuniões conjuntas de Chefes de Governo ou de Chanceleres vêm procurando analisar os problemas que afligem os territórios subdesenvolvidos dos continentes negro e amarelo e articular as linhas mestras de um movimento de solidariedade. As Conferências de Colombo, Bojor, preparatórias da mais importante delas, Bondung, depois Cairo e Acra, representam, nitidamente, uma tomada de posição desses povos que se consideram explorados há muitos séculos pelo homem branco. Cabe aqui um detalhe: a Rússia fez-se presente na conferência dos povos afro-asiáticos do Cairo (Dez 57) por delegados árabes e amarelos (turquestãos, mongóis) e tomou parte ativa no incentivo desse movimento inspirado pela *mística de solidariedade dos homens de cor*.

Depois dessa tentativa de análise, uma pergunta natural parece apontar nos espíritos — afinal qual o procedimento, qual a política colonial mais aceitável?

No nosso ver será aquela que parta de um princípio já consagrado pela consciência universal — o direito de autodeterminação dos povos, que procure leal e sinceramente preparar os povos atrasados e primitivos, política e tecnicamente, para virem assumir a direção de seus destinos e que, quando soar esta hora, não fujam ao compromisso de entregar o poder aos líderes nativos, combinando com eles um "modus vivendi" futuro entre a soberania nascente e a antiga Metrópole. Assim procedendo, estarão as nações cultural e economicamente mais adiantadas, cumprindo uma missão civilizadora de significação moral e ética, e não, apenas, uma tarefa colonialista. Porque, meus senhores, civilizar não deve ser somente transmitir progresso cultural e material mas, sobretudo, dar exemplo de procedimento moral e ético superiores.

*
* *

PLANOS PARA CONQUISTAR O BRASIL

São bem conhecidas as históricas invasões francesas e holandesas ao nosso território, durante os séculos XVI e XVII. Todavia, o Brasil, graças à extensão territorial e recursos que possui, continua, na época atual, a entrar nas cogitações de possíveis ações imperialistas de outros países.

Tal fato, pode ser verificado com os três exemplos abaixo:

1) Trecho de uma carta de Bolívar para Hipólito Unanue (1):

"Estoy esperando por momentos la comisión que viene de Buenos Aires y, según parece, viene a pedirme tropas para auxiliar al Rio de la Plata contra el Brasil. El Emperador amenaza a Buenos Aires com

(1) JULIO LONDOÑO, Gen — "La Vision Geopolítica de Bolívar" (1ª ed., pág. 65).

muchas fuerzas de mar y tierra, y si acaba tranquilamente con aquella república, después nos dará mucho que hacer. Esta consideración ocupa mi mente noche y día..."

"Tengo 22.000 hombres que no sé en qué emplearlos con provecho y que de maners alguna conviene licenciar, porque llevarian la anarquia... y hoy, cuando la República Argentina está amenazada por el Brasil, se me brinda la oportunidad de realizar el pensamiento glorioso que me anima de ser el Ditador de la América del Sur."

2) Trecho do livro "The Conquest of Brazil" de Roy Nash (2):

"Sob todos os pontos de vista, seria de desejar que, para aumento de sua importância política, o Brasil recebesse o mais logo possível grandes massas de imigrantes. Ainda hoje poderá êle escolher os seus hóspedes na Europa e na Ásia. Se, porém, isso não se fizer, com maior rapidez que durante os primeiros quatro séculos, é perfeitamente possível que pelo ano 2.000 o país tenha que aceitar os que para lá queiram ir. E por quê não? Existem hoje no mundo várias nações que, em relação ao Brasil, são mais fortes que Portugal de 1500, em relação a Santa Cruz. E a Doutrina Monroe? Mas, que será das Américas se também o fiel cão pastor, que há séculos vem arreganhando as suas presas temíveis aos lobos da Europa, tornar-se agressivo, como Portugal no século XVI? Quem poderá prever até onde irá o delírio que se apoderou da Alemanha últimamente? Quem poderá imaginar onde irá a tendência que revelam os Estados Unidos, de cada vez mais se imiscuírem nos assuntos mexicanos e nos das Antilhas? Quem poderá prever o que fará uma nação de 200 milhões, pelo ano 2000, se o poderio econômico continuar a gravitar para as suas mãos?"

3) Trecho de documento expedido pelo G.O.U. em 3 de maio de 1943 (3):

"Conquistado o Poder nossa Única Missão será ser fortes, mais fortes do que toços os outros Países Unidos. Haverá que armar-se, armar-se sempre, vencendo dificuldades, lutando contra as circunstâncias interiores ou exteriores.

Com a Argentina, Paraguai, Bolívia e Chile, fácil será impressionar o Uruguai.

Logo as cinco nações unidas atrairão facilmente o Brasil, devido à sua forma de governo e aos grandes núcleos de alemães. Caído o Brasil, o continente Sul-Americano será nosso".

(2) ROY Nash nasceu em Wisconsin, EE.UU. cursou as Universidades de Wisconsin e de California. Formou-se na Universidade de Columbia, de New York em 1908, sendo que a maior parte do seu trabalho foi sobre ciências sociais. Foi o 1º Diretor da Escola Florestal na Universidade das Filipinas. Antes da 1ª Grande Guerra foi secretário de uma instituição que combate as discriminações raciais. Durante a guerra, após treinamento, foi designado Capitão de Artilharia de Campanha tendo servido, a pedido, na 92ª Divisão composta de recrutas exclusivamente negros. A Divisão integrou o 2º Exército que combateu no front francês. Assim que deixou o Exército em 1919, o Sr. Nash empreendeu a primeira de suas cinco viagens ao Brasil. Voltou com tão vivo entusiasmo pelo nosso país que resolveu escrever o seu único livro "The conquest of Brazil" publicado em 1926. No seu excelente trabalho Roy Nash mostra como vê a conquista do Brasil realizada pelos próprios brasileiros.

(3) MARIO MARTINS — "Peron", um confronto entre Argentina e o Brasil" (1ª ed., pág. 28).